

A CRISE AMBIENTAL EM EVIDÊNCIA: ANÁLISE DO DISCURSO FOUCAULTIANO – MODOS DE FAZER PESQUISA EM EDUCAÇÃO¹

Virgínia Tavares Vieira*

Paula Corrêa Henning**

RESUMO

Este artigo tem como pretensão colocar em suspenso o discurso da crise ambiental por meio das letras de *rock and roll* de diferentes países ocidentais para pensarmos na trama discursiva que vem compondo o campo da Educação Ambiental. Para isso, selecionamos como metodologia algumas ferramentas da análise do discurso a partir de Michel Foucault, operando especificamente com os conceitos de discurso e enunciado. Sendo assim, apoiada em autores como Michel Foucault, Félix Guattari, Isabel Carvalho e Leandro Belinaso Guimarães, a pesquisa demonstra a importância da cultura na produção de modos de ser e estar na contemporaneidade. Ao estudar o discurso da crise ambiental presente nas letras de *rock*, entende-se que tal artefato cultural auxilia para colocar em operação uma relação de poder ao fabricar verdades, produzir sentidos e constituir sujeitos. Destacamos que este artigo nos evidencia uma das formas de olhar para a crise ambiental: o homem como principal destruidor de nosso planeta.

Palavras-chave: Crise ambiental. Cultura. Educação ambiental. *Rock and Roll*.

ABSTRACT

THE ENVIRONMENTAL CRISIS IN EVIDENCE: FOUCAULDIAN DISCOURSE ANALYSIS – WAYS OF DOING RESEARCH IN EDUCATION

The present study aims to highlight the environmental crisis speech through rock and roll lyrics of different western countries in order to analyze the discourse in the field of Environmental Education. To do that, we chose as methodology the discourse analysis approach of Michel Foucault, specifically his concepts of discourse and enunciation. Authors like Michel Foucault, Félix Guattari, Isabel Carvalho and Leandro Belinaso

¹ Esta pesquisa contou com financiamento do Programa Observatório da Educação CAPES/INEP e CNPq.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Mestre em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Participante do Grupo de Pesquisa Cultura, Subjetividade e Políticas de Formação. Endereço para correspondência: Av. Itália, Km 8 - Carreiros - Rio Grande-RS. CEP: 96201-900. vi_violao@yahoo.com.br

** Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Pedagoga pela Universidade Católica de Pelotas. Professora Adjunta do Instituto de Educação, do PPG Educação em Ciências e do PPG Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa de Cultura, Subjetividades e Políticas de Formação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Endereço para correspondência: Av. Itália, Km 8 – Carreiros - Rio Grande-RS. CEP: 96201-900. paula.henning@ig.com.br

Guimarães offer support for the research, which demonstrates the importance of culture in the production of the ways of living in the contemporaneity. Studying the environmental crisis speech presented in rock and roll lyrics helps us understand that this cultural artifact leads to the construction of a relation of power, once it makes us believe in certain truths, producing meanings and constituting beings. We highlight that the present article brings up evidence of a way to face the environmental crisis: mankind as the main destroyer of our planet.

Keywords: Environmental Crisis. Culture. Environmental Education. Rock and Roll.

Provocações iniciais

Deve existir um lugar sobrando no mundo onde as montanhas encontram com o mar. Deve existir um lugar no mundo onde a água é real e limpa [...] Deve existir um lugar sobrando no mundo onde a pele diz que pode respirar. Tem que ter um lugar sobrando no mundo [...] Tem que existir um lugar sobrando no mundo [...] Deve haver um lugar sobrando nesse mundo onde nós podemos ser. (MOGINIE; HIRST; ROTSEY; GARRETT, 1990, tradução nossa).

Iniciamos este artigo com um excerto da banda australiana de *rock* ativista *Midnight Oil*, tendo em vista a intenção de colocar em suspenso os ditos que nos atravessam, nos constituem e nos fazem ver e pensar o mundo em que vivemos, a partir da música. Nesse sentido, questionamos: será que existe um lugar no mundo não tocado pelo homem? Seria a natureza humana a razão para nossa decadência?

O estudo que ora apresentamos tem a pretensão de tecer relações entre o campo de saber da Educação Ambiental e o da Música, com o propósito de apontar a importância dessa arte para pensarmos na trama discursiva que vem compondo o campo da Educação Ambiental.

Entendemos a música como um espaço de saber importante para discorrermos sobre as inúmeras formas de se constituir o mundo e estabelecer relações com este, entendendo que a arte também produz e reproduz discursos e verdades, os quais nos interpelam e nos constituem enquanto sujeitos deste tempo.

As artes expressam as características culturais, políticas e sociais de cada época, por meio de suas obras, seja na pintura, na arquitetura, no cinema, na literatura ou na música. Ao percorrermos a história, deparamo-nos com obras de artistas que nos remetem às características culturais e estéticas

de cada tempo. Diversos foram os pensadores, de distintas áreas do conhecimento, que se preocuparam em entender a relação entre arte e sociedade, criando teorias que estavam além do caráter social, abrangendo também os aspectos estéticos, históricos e filosóficos. Bay (2006, p. 3) salienta que “o traço comum a todas essas abordagens é a constatação de que arte e sociedade são conceitos indissociáveis, uma vez que ambos se originam da relação do homem com seu ambiente natural”. Corroborando com essa afirmação, Bauman (1998) entende a arte como um movimento de vanguarda que “abre” caminhos para a sociedade se guiar. No mesmo contexto, ao discorrer sobre a importância da música na sociedade, o historiador José Geraldo Vinci, entendendo a música como uma dimensão da cultura humana, diz que essa arte está completamente assentada à sociedade da qual faz parte. Isso porque

A música revela e constrói a sociedade da qual participa, e é, ao mesmo tempo, construída por ela. A música faz parte do universo humano, da cultura humana, e obviamente influencia os modos de vida e as relações sociais dos que estão a sua volta; e a sociedade, por outro lado, está construindo a música a todo momento, reconstruindo e repensando. (VINCI apud PAIÃO, 2010).

O autor acima refere-se à construção da música e de sua relação com a sociedade como uma via de mão dupla, não se podendo separar uma coisa da outra. Procura mostrar ainda, o quanto música e sociedade são constituintes e constituidoras das questões sociais, políticas, econômicas e culturais de uma determinada época.

Sendo assim, pensando na crise ambiental vivenciada por nós na contemporaneidade, problema que atinge e preocupa a população mundial nos

quatro cantos do planeta, é que a colocamos em suspenso, por meio do *rock and roll*, para problematizarmos como se constitui e se produz conhecimentos referentes às problemáticas ambientais.

O olhar da sociedade está voltado para os problemas ambientais e, dessa forma, deparamo-nos diante de um bombardeio de ditos sobre a Educação Ambiental, bem como sobre a crise ambiental, os quais circulam diariamente nos veículos de comunicação de massa. A mídia, bem como os artefatos culturais, tornaram-se ferramentas importantes para disseminação da crise ambiental perante a sociedade. Nesse sentido, trazemos alguns questionamentos: O que entendemos por meio ambiente? O que entendemos por natureza? Como pensamos o homem no meio ambiente e na natureza? Como somos atravessados por esses discursos que nos anunciam um mundo natural em oposição ao mundo humano? Como as verdades nos atravessam e nos fazem olhar o mundo de uma forma e não de outra? Foucault, ao discorrer sobre a verdade, diz que

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...]. A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua 'política geral' de verdade: isto é, os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro. (FOUCAULT, 2011, p. 12, grifo do autor).

Sendo assim, entendemos a mídia, a arte – e aqui gostaríamos de chamar atenção para o gênero musical *rock and roll* –, como importantes artefatos culturais produtores de discursos e verdades sobre a crise ambiental. Estes ensinam-nos sobre natureza, meio ambiente e Educação Ambiental. Dessa forma, é colocando em suspenso verdades como essas, descritas em tantas letras de *rock*, que destacamos a importância do gênero para o estudo em questão. Colocar em suspenso e problematizar as práticas e verdades que moldam nossas vidas é a proposta assumida neste artigo, e o *rock*, neste estudo, torna-se uma ferramenta potente para pro-

vocarmos o pensamento, diante da importância social, política, econômica e cultural da música.

Alguns delineamentos metodológicos: a análise do discurso em Michel Foucault

Com a intenção de colocar em suspenso o discurso da crise ambiental, por meio do *rock and roll*, apoiamos nosso trabalho em uma perspectiva foucaultiana. Para isso, selecionamos como metodologia algumas ferramentas da Análise do Discurso, a partir de Michel Foucault, operando especificamente com o conceito de discurso e enunciado. Gostaríamos de ressaltar que na proposta de análise feita pelo autor interessa o que está dito, o que está visível no discurso. Sendo assim, como nos diz Foucault (2012, p. 59), “fica-se, tenta-se ficar no nível do próprio discurso”. Dessa forma, não buscaremos desvendar o que está oculto no discurso, nem mesmo o que está nas entrelinhas. Seguindo nesta correnteza, é preciso entender o discurso tal qual se pode ouvi-lo, tal qual podemos lê-lo. Para Sampaio (2012, p. 87), essa seria a “novidade de tomar o discurso em sua exterioridade, já que não se trata de ir até um núcleo secreto e interior do próprio discurso, mas de partir do próprio discurso”. Sendo assim, o que pretendemos investigar a partir das letras de *rock and roll* são as verdades que estão sendo fabricadas sobre a crise ambiental, verdades essas que nos atravessam e nos remetem a assumirmos formas ideais de ser, de pensar e agir.

A partir das análises de algumas letras, a pesquisa apontou para um enunciado, o qual intitulamos “antropocentrismo”. Trata-se de enunciações que descrevem o homem como o principal destruidor do mundo em que vivemos, apoiando, assim, o discurso da crise ambiental.

Dito isso, ressaltamos as questões que movem a pesquisa: que enunciações de natureza, meio ambiente, homem, devastação ambiental, desastres naturais, futuro do planeta estão presentes nas letras de *rock and roll*? Que verdades o *rock and roll* vem inventando e produzindo a respeito da crise ambiental? Que enunciações o *rock* coloca em evidência acerca da crise ambiental? Enfim, de que forma esse gênero musical contribui para pensarmos, olharmos e agirmos de forma “ecologicamente correta”?

Com base nesses aspectos, procuramos mostrar o quanto o discurso da crise ambiental está presente em diferentes letras de bandas de *rock* e que esse artefato cultural se torna potente para pensarmos a atualidade, os problemas sociais, políticos, econômicos e culturais que vivenciamos neste século XXI. Conforme argumenta Maria Lúcia Wortman (2010, p. 13), “aprendemos a ver o mundo a partir da cultura e de que se estabelecem na cultura as formas de compreensão e de interpretação do mundo”.

Pensar em discurso, a partir de Michel Foucault, pensar especificamente no discurso da crise ambiental, engloba entender o que é discurso, como se constitui e, principalmente, como se sustenta e é aceito, creditado como verdadeiro, em um determinado tempo, em uma sociedade. Nas palavras do autor,

O conjunto de regras para uma prática discursiva, o sistema de formação não é estranho ao tempo. Não reúne tudo que pode aparecer, através de uma série secular de enunciados, em um ponto inicial que seria, ao mesmo tempo, começo, origem, fundamento, sistema de axiomas, e a partir do qual as peripécias da história real só se desenrolariam de maneira inteiramente necessária. O que ele delinea é o sistema de regras que teve de ser colocado em prática para que tal objeto se transformasse, tal enunciação nova aparecesse, tal conceito se elaborasse, metamorfoseado ou importado [...] o que ele delinea, também, é o sistema de regras que teve de ser empregado para que uma mudança em outros discursos [...] pudesse ser transcrita no interior de um discurso dado, constituindo assim um novo objeto, suscitando uma nova estratégia, dando lugar a novas enunciações ou novos conceitos. (FOUCAULT, 2012, p. 88).

Sabemos que, para uma prática discursiva entrar em operação, esta obedece a certas regras que a tornam evidente, que a tornam visível. As regras de formação de um discurso devem estar associadas e sustentadas por enunciações, enunciados² e outros discursos, bem como por outros conceitos. Utilizando-nos de algumas ferramentas foucaultianas para analisar o discurso da crise ambiental presente em algumas letras de *rock and roll*, precisamos construir, a partir da organização do material, as bases enunciativas que dariam suporte ao discurso em questão. Nesse sentido,

2 Destacamos que este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla. Nesse texto, apresentamos um dos enunciados que compõem a formação discursiva da crise ambiental a partir do gênero musical *rock and roll*.

nosso objetivo foi agrupar as enunciações para que fosse possível dar visibilidade aos enunciados, ou seja, era preciso dar sustentação ao eixo central da análise do discurso. Visto desse modo, o enunciado é de extrema importância para a “condição de existência” de um discurso, pois, nas inúmeras definições sobre discurso, Foucault (2012, p. 135) nos diz: “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apóiem na mesma formação discursiva.” Ainda nas palavras do autor,

O enunciado não é, pois, uma estrutura [...]; é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). Não há razão para espanto por não se ter podido encontrar para o enunciado critérios estruturais de unidade; é que ele não é em si mesmo uma unidade, mas sim uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. (FOUCAULT, 2012, p. 105).

Desse modo, o que vimos fazendo é delimitar a emergência de tais enunciados no atual momento histórico, social e cultural que vivemos, os quais, diante disso, vão constituindo o nosso olhar sobre o mundo e, principalmente, a forma como olhamos para a crise ambiental. Podemos dizer que o enunciado está na ordem do dito, do visível – está na ordem do discurso. Este carrega significados que, em nossa sociedade, são aceitos como verdadeiros, exercendo funções que dão sentido ao discurso aqui colocado em suspenso. Destacamos a importância de olharmos para a música, de olharmos para o gênero musical *rock and roll* como uma ferramenta potente nos dias atuais para pensarmos a crise ambiental. Ressaltamos, ainda, a importância de voltarmos nosso olhar para tal estilo musical, que é capaz de suscitar discussões no campo da Educação Ambiental. Enfim, o que queremos dizer é que o *rock* vem produzindo enunciações que entram na ordem do discurso tido como verdadeiro em nossa sociedade, diante de uma crise ambiental; que o *rock* é capaz de auxiliar na modulação de nossa forma de olhar, de nos ensinar modos ecológicos de ser, estar e pensar na contemporaneidade.

Entendemos que operar com algumas ferramentas foucaultianas para a análise das letras vem nos permitindo entender as verdades inventadas, fabricadas, produzidas sobre a crise ambiental, as quais nos fazem olhar para o mundo de uma forma e não de outra. Como argumenta Sampaio (2012, p. 93), “se é no discurso que se conectam poder e saber, é também por meio do discurso que se distingue o verdadeiro do não verdadeiro”. Assim, a partir de tais práticas discursivas no campo da Educação Ambiental, voltamos nossa atenção para o discurso da crise ambiental que nos atravessa, interpela-nos e produz modos de vida, ao nos fazer compreender e discorrer sobre os problemas ambientais vividos na contemporaneidade.

O homem como principal destruidor do planeta: antropocentrismo em evidência

Nos últimos tempos, principalmente a partir da década de 1990, deparamo-nos com uma questão que se tornou pauta nos mais diferentes meios de comunicação: o futuro do planeta e da vida na Terra. Aqui, tratamos a crise ambiental como um discurso potente na atualidade, que, a cada dia, com maior força, toma conta de nossas vidas. Muitos estudos vêm sendo realizados nas mais diferentes áreas do saber, com a finalidade de compreender o momento social, cultural e ambiental que nos deparamos neste início de século. Aqui, o discurso da crise ambiental, estudado a partir da arte, pretende visualizar a forma como a música, por meio do *rock and roll*, atravessa-nos e nos faz pensar o atual momento de crise social e ambiental.

Na contemporaneidade, os artefatos culturais tornaram-se fortes ferramentas para pensarmos nos problemas ambientais que atingem nossa sociedade. Diferentes enunciações circulam nos mais variados meios de comunicação, chamando a atenção da população para pensar e participar de uma campanha mundial em prol do planeta. A crise ambiental tornou-se pauta no nosso dia a dia. Ao ligar a televisão, presenciamos, por meio de propagandas, o que devemos fazer para cuidar da natureza. Nos jornais, lemos e assistimos sobre os desastres ambientais, como terremotos, enchentes,

tsunamis, queimadas nas florestas – alerta para o aquecimento global! Na internet, circulam inúmeras campanhas mundiais, as quais nos convidam a fazer a nossa parte para salvar o planeta. Enfim, de uma forma ou de outra, por meio da mídia, questões referentes aos problemas ambientais invadem nossas casas e nos fazem pensar na crise ambiental e no futuro de nossa existência na Terra.

Nossa proposta, neste momento, é dar visibilidade a partir de algumas letras de *rock*, de diferentes localidades, enunciações recorrentes que tratam de problemáticas ambientais. O material posto em suspenso fez emergir um enunciado potente que sustenta o discurso da crise ambiental. Enunciações com chamadas fortes, apontam o homem como um ser “explorador, como um destruidor de vidas que só pensa em lucrar” (POZZI, E.; POZZI, P., 1989).

A visão que aloca o homem como o centro do universo, e de que tudo mais existe em razão dele, está amparada no pensamento moderno. Tal concepção, denominada humanismo, deu-se na transição do mundo medieval para o mundo moderno, na qual o homem passou a ser valorizado acima de todas as coisas. Como nos diz Mauro Grün (2007, p. 24), essas modificações já podem ser encontradas no período renascentista; “em nome do humanismo o homem começa a romper com a velha ordem”. Essa grande valorização do homem já começa a aparecer em diferentes áreas como a literatura, as artes, a política, a religião e a filosofia. Enfim, essa concepção, que considera a humanidade como o centro do mundo, é definida como antropocentrismo. Podemos dizer que o campo das artes representou de forma intensa essa glorificação do homem por meio de suas obras, pois, conforme nos diz o autor,

O Homem quer ser senhor de seu destino, uma espécie de Deus, resumindo no microcosmo a unidade do macrocosmo. Leonardo da Vinci sintetiza bem essas ideias ao dizer que o caráter da pintura é divino, uma vez que ‘faz com que o espírito do pintor se transforme numa imagem do espírito de Deus’. O Homem começa a se divinizar. Existe uma ponta de arrogância neste Homem que se reflete na escolha do material usado pelos artistas. Neste período os artistas buscam materiais duráveis como a tinta a óleo. Eles querem eternizar-se através de suas obras. (GRÜN, 2007, p. 26, grifo do autor).

A partir dessa breve colocação sobre o antropocentrismo, sustentamos o enunciado proposto: o homem como o centro do mundo, o homem como o principal destruidor de nosso planeta. Ainda para o autor, a crise ambiental vivida neste século pode estar atrelada ao que este chamou de “crise da cultura ocidental”, ou seja, a forma de estarmos no mundo e as relações que tecemos com o nosso ambiente estaria fortemente apoiada nos “valores que sustentam nossa cultura” (GRÜN, 2007, p. 21).

A questão ambiental é fortemente tratada nas letras de *rock* selecionadas. Após serem estudadas e agrupadas, estas nos fazem ver e entender a Educação Ambiental de uma forma reducionista. A separação entre mundo natural e mundo humano aparece com potência no material colocado em suspenso, ou seja, não há uma interação entre esses ambientes – a vida humana está longe de ser percebida como parte integradora da natureza. Nessa correnteza, talvez Isabel Carvalho nos ajude a esclarecer melhor tal visão, na qual o homem desponta como um ser não pertencente a esse mundo natural, pois

A consequência de uma visão predominantemente naturalista-conservacionista é a redução do meio ambiente a apenas uma de suas dimensões, desprezando a riqueza da permanente interação entre a natureza e a cultura humana. O caráter histórico e sempre dinâmico das relações humanas e da cultura com o meio ambiente está fora desse horizonte de compreensão, o que impede, conseqüentemente, que se vislumbrem outras soluções para o problema ambiental. (CARVALHO, 2011, p. 38).

Para autora, superar a marca de uma visão naturalista e preservacionista de natureza demanda, principalmente, que ultrapassemos a ideia de que o homem não faz parte da natureza. Restringir o mundo natural a apenas o que é “verde”, ou a rios, mares, florestas e montanhas, não seria a solução para a problemática ambiental. No entanto, se entendermos a importância de uma interação entre cultura e sociedade e apreendermos que o meio ambiente é um espaço de relação entre homem e natureza, possivelmente, assim, poder-se-ia enriquecer a convivência entre ambos (O homem e a natureza). Tal perspectiva está alicerçada no que a autora chama de visão socioambiental. Para que pu-

déssemos ultrapassar esse dualismo, entre homem e natureza, precisaríamos olhar para o mundo e, principalmente, para a relação que estabelecemos com nosso ambiente natural sob uma nova perspectiva. Assim, Carvalho nos ensina:

Nossas ideias ou conceitos organizam o mundo, tornando-o inteligível e familiar. São como lentes que nos fazem ver isso e não aquilo e nos guiam em meio à enorme complexidade e imprevisibilidade da vida. Acontece que, quando usamos óculos por muito tempo, a lente acaba fazendo parte de nossa visão a ponto de esquecermos que ela continua lá, entre nós e o que vemos, entre os olhos e a paisagem. (CARVALHO, 2011, p. 33).

Seguindo nesse mesmo contexto, como relata a autora, podemos dizer que não existe uma única forma de ver, pensar e discorrer sobre o mundo. Nossos conceitos não abrangem uma totalidade do que convencionamos chamar de “verdade”. Contudo, o que observamos nas enunciações colocadas sob exame é a propagação de uma única visão – o homem como culpado, alertando que nossas atitudes podem levar ao fim da vida na Terra. São chamadas persuasivas, presentes em todas as letras das bandas selecionadas. Isso nos permite dizer que essa linha de pensamento não se restringe ao Brasil. Tanto as letras de *rock* da banda brasileira, quanto a da banda alemã, inglesa, australiana e norte-americanas apontam o homem como a causa dos problemas ambientais.

Nesse contexto, diante de uma perspectiva foucaultiana, entendemos que tal enunciado nos auxilia a olhar para o mundo de uma forma reducionista, ao fazer essa separação entre mundos (natural e humano). Também nos faz pensar no homem como principal culpado por estarmos diante de uma crise ambiental. Buscando evidenciar o enunciado, apresentamos abaixo algumas enunciações do *corpus* analítico:

Onde haviam riachos limpos hoje só vemos estrumes humanos. O chão que era coberto por folhas secas, hoje está encoberto pelo concreto. O homem já criou cérebros e bombas e esqueceu do verde. O homem não pensa muito na hora de explorar, por mais que destrua vidas, só pensa em lucrar. Sua vida, minha vida, nossas vidas dependem do verde. Dependem do verde já! (POZZI, E.; POZZI, P., 1989).

[...] O erro do homem é gananciar, o que não se vende ele sempre quer comprar [...] Animais não fazem guerras, animais não destroem selvas, animais não constroem bombas, animais não poluem o ar. Animais não pertencem a ninguém, animais não matam por prazer. Animais pode ser você. (POZZI, 1989).

Tratores derrubando a Amazônia, cama de ozônio ferida sangrando. Matança, egoísmo em massa. É uma emergência!!! A Terra, um lugar pra morar. Tem muita mata, muita chuva e tem ar. Espera só para ver os leões, as aves, os peixes e os imensos vulcões. Bicho gente está doente, mata o mundo, mata a gente. Parem as guerras. Deixe a Terra em paz! Salve a Terra já! Já! Salve a Terra já! (POZZI, 2004).

Os trechos apresentados dão visibilidade ao mostrar essa dicotomia entre homem e natureza, marca de uma visão naturalista dentro do campo da Educação Ambiental. Segundo Isabel Carvalho (2011, p. 37), a “EA surge em um terreno marcado por uma tradição naturalista”. Tal perspectiva se apoia na percepção de que há um mundo natural constituído em oposição ao mundo humano, social e cultural. Seguindo tal linha de pensamento – que é ainda mais reforçada por programas de televisão, como documentários, desenhos animados e outros artefatos culturais –, pensamos que, diante disso, vamos aprendendo a tecer relações com o meio em que vivemos, e aceitando a ideia de que natureza se resume à flora e à fauna.

O primeiro excerto pontua a evolução do homem: quando este cria o concreto, inventa cérebros, cria bombas, mas esquece do verde. A letra evidencia que, diante da grande necessidade de exploração e desejo de consumo, o homem vai modificando a paisagem natural na eterna busca pelo lucro, pelo capital. Observamos que enunciações como essas colocam em destaque que é pela mão do homem que o planeta está sendo devastado. No segundo trecho apresentado, o homem é posto como um ser ganancioso que quer dominar o mundo – o seu principal erro. Ao mesmo tempo, as enunciações fazem uma comparação entre homens e animais, ao enunciarem uma dissonante forma de estar no mundo. Ou seja, o homem polui o ar, os rios, devasta as florestas, faz guerras e mata por prazer. Enfim, destrói o mundo a seu bel-prazer. Já no terceiro excerto, identificamos a mesma linha de pensa-

mento. São as máquinas que destroem o mundo: os “tratores derrubando a Amazônia”, queimando a floresta e intensificando, assim, o aquecimento global – a Terra pede socorro! São as invenções do homem que devastam o planeta. O egoísmo e as aspirações ambiciosas fizeram com que se instalasse uma crise ambiental. “É uma emergência!” “Salve a Terra já!” (POZZI, 2004).

Cabe registrar que as enunciações acima apresentadas posicionam o homem como o grande causador dessa crise ambiental, ou seja, apresentam uma visão antropocêntrica. Além disso, as letras demarcam um pensamento naturalista e romântico, bem como preservacionista, sobre uma natureza intocada, uma natureza “verde” que deve ser protegida, e, acima de tudo, o homem aparece como um ser que não pertence a esse espaço natural. Segundo Carvalho (2011), embora a visão naturalista/preservacionista esteja ainda fortemente instalada em nosso ideário ambiental, esta não seria a única maneira de pensá-la. Sendo assim, dentro de uma concepção “naturalizada” de natureza, tende-se a reduzir o mundo a um espaço estritamente natural, biológico, ou seja, sem interação com a cultura e o social.

Tais enunciações têm sido recorrentes em algumas letras de *rock and roll*, o que justifica e sustenta a “invenção” do enunciado em questão. Reforçamos que é a partir dos enunciados que vamos olhando para o mundo, para a crise ambiental, de uma forma e não de outra. Nas palavras de Veiga-Neto (2007, p. 101), “são os enunciados dentro de cada discurso que marcam e sinalizam o que é tomado por verdade, num tempo e espaço determinado, isso é, que estabelecem um regime de verdade”. Diante disso, questionamos: como contrapor esses ditos verdadeiros? De que forma somos convocados a pensar e olhar para a crise ambiental que se instala na atualidade? Nesse contexto, ao dar visibilidade a alguns ditos referentes à crise ambiental presentes no *rock and roll*, nossa proposta pretende provocar o pensamento quanto à forma que muitas vezes somos interpelados por essas verdades. Gostaríamos que pudéssemos entender a EA como uma educação política, questionando tais ditos e, principalmente, entendendo que não existe uma única forma de ser e estar no mundo. No entanto, destacamos mais uma vez a

importância da cultura, pois esta contribui para a constituição de uma trama de significações na qual aprendemos a estabelecer relações com nosso ambiente natural. Corroborando essa afirmação, Guimarães nos diz que

[...] a cultura, através das práticas derivadas dos inúmeros artefatos (os filmes, os vídeos educativos, as revistas, as histórias em quadrinhos, os livros didáticos, os romances, as novelas televisivas, os documentários históricos, os relatos de viagem, entre inúmeros outros) produzidos em diferentes instâncias de produção cultural, é o lócus central das disputas e negociações de significados dados à natureza e, também, às possíveis formas de estabelecermos relações com a mesma. (GUIMARÃES, 2008, p. 241).

Portanto, pensamos que enunciações, como as que aqui estão sendo apresentadas, entram na ordem do dito, do visível, bem como na ordem do discurso verdadeiro. Conforme salienta o autor acima, é necessário levar em consideração as práticas e relações que estabelecemos com o mundo, aqui se tratando especificamente da relação homem e natureza, a partir das disputas e negociações que são travadas na e pela cultura. Nesse movimento, vemos o *rock and roll* como um artefato cultural potente que também vem (re)produzindo significados na sociedade, ao tratar dessa dicotomia entre mundo natural e humano; ao responsabilizar e afirmar com tanta veemência a culpa do homem por tamanha degradação ambiental. Diariamente, somos interpelados a pensar nas problemáticas ambientais instaladas em nossas vidas e a internalizar um sentimento de culpa diante dos modos de vida consumista e da forma que interagimos com o mundo natural e social. Seguindo na correnteza de autores como Isabel Carvalho (2011) e Félix Guattari (2008), pensamos que essa não é a única maneira de ver o mundo e de estabelecer relações com este. O período de intensas transformações vividas pela humanidade, o modelo de vida que se instala na modernidade e as relações de afetividade que estabelecemos uns com os outros nos conduzem a mais pobre incapacidade de responder à crise ambiental. Como nos diz Guattari (2008), para que haja uma verdadeira resposta à crise ambiental, é necessário colocarmos em suspenso as verdades que nos fazem olhar para o mundo, entendendo que

não só as relações de força visíveis constituem a “verdade deste mundo”. Sendo assim,

As formações políticas e as instâncias executivas parecem totalmente incapazes de apreender essa problemática ambiental no conjunto de suas implicações. Apesar de estarem começando a tomar uma consciência parcial dos perigos mais evidentes que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades, elas geralmente se contentam em abordar o campo dos danos industriais e, ainda assim, unicamente uma perspectiva tecnocrática, ao passo que só uma articulação ético-política – a que chamo de *ecosofia* – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana) é que poderia esclarecer convenientemente tais questões. (GUATTARI, 2008, p. 8, grifo do autor).

Para o autor, a questão será a maneira de viver daqui em diante, em um mundo em constantes transformações. Assim, precisaremos reinventar novas formas de estabelecer relações enquanto seres sociais, ambientais e de subjetividade humana. Esta seria a articulação ético-política que o autor denominou de “ecosofia” – as balizas que teremos de atravessar para compor novas ações dentre os três registros ecológicos.

Nos excertos a seguir, apresentamos enunciações que nos mostram como outras letras³ de *rock*, de diferentes lugares, fazem-nos pensar a crise ambiental:

Humanidade [...] Você vendeu sua alma para alimentar sua vaidade, suas fantasias e suas mentiras [...] Existe um preço a pagar por todos os jogos egocêntricos que você criou [...] Você assinou e selou isso. E agora tem que lidar com isso. O mundo que você criou acabou [...] Humanidade. (CHILD; MEINE; BRAZILIAN; FREDERIKSEN, 2007, tradução nossa).

[...] A indulgência em nossas vidas lançou uma sombra em nosso mundo, nossa devoção a nosso apetite traiu a todos nós [...] Não pode existir outra razão, você sabe que deveríamos ter previsto [...] Geleiras derretem conforme nós poluímos o céu [...] Podemos nos arrepender a tempo? [...] Mesmo assim nós devastamos o mundo que amamos [...] Nosso apetite maníaco infinito nos deixou com outro modo de morrer [...] Avareza e fome nos levaram a nossa

3 Todas as letras foram traduzidas por Carolina Ferreira Gomes, tradutora da língua inglesa.

morte, um caminho que eu não consigo acreditar que seguimos [...] É apenas outro modo de morrer [...]. (DONEGAN; DRAIMAN; WENGREN; MOYER, 2010, tradução nossa).

A metade sul está queimando conforme nós subimos através do céu. Aves marinhas suavemente caindo, fumaça subindo alto. Existem os contornos das montanhas, dos desertos e das planícies e um furacão está soprando. Agora existem manchas de óleo nas águas que Colombo um dia navegou [...] Sedimento está correndo do rio para o mar. Agora onde estão as poderosas nações? Um manchado sobre a Terra partida, o suspiro das árvores. E sua oscilação no éter, isso me põe de joelhos. (MOGINIE, 1993, tradução nossa).

Existem homens demais, pessoas demais, fazendo problemas demais [...] Esse é o mundo em que vivemos e essas são as mãos que nos são dadas. Use-as e vamos começar a tentar fazer esse lugar digno de morar. Oh, super-homem, onde está você agora? Quando tudo deu errado de alguma forma? Os homens de ferro, aqueles homens de poder estão perdendo o controle a cada hora. (RUTHERFORD, 1986, tradução nossa).

Mediante tais enunciações, somos interpelados a refletir, ver e discorrer sobre a crise ambiental. Aquecimento global, geleiras derretendo, águas poluídas, furacões, vulcões, os modos consumistas, o nosso apego sórdido ao dinheiro. Enfim, essa é a “Humanidade”, a “Terra e sol e lua”, a “Terra da confusão”, ou seria apenas “Outro modo de morrer” provocado pela mão do homem? São chamamentos potentes como esses que nos posicionam como os principais culpados e responsáveis pela degradação de nosso planeta. Artefatos culturais, como o *rock and roll*, dão visibilidade a uma linha de pensamento antropocêntrica. Ao mesmo tempo, ensinam o que é natureza, meio ambiente, bem como explicam a forma com que o homem se relaciona com o mundo natural. Ao colocar em suspenso tais ditos, este estudo não pretende eximir responsabilidades diante dos nossos modos de ser, viver e estar no mundo. Ou seja, ao evidenciar tal enunciado, não significa dizer que não saibamos das consequências ambientais a partir das ações humanas, mas ressaltar que estas não seriam as únicas responsáveis por toda degradação ambiental experienciada por nós, habitantes do século XXI. As análises

aqui apresentadas anseiam, sim, problematizar o entendimento do que é natureza, meio ambiente e como se produz tal concepção. Percebemos que tais enunciações são emblemáticas para pensarmos o quanto o *rock and roll* é capaz de nos interpelar e nos fazer pensar a crise ambiental.

Contudo, a forma como compreendemos a natureza, o meio ambiente e essa dicotomização do mundo em mundo natural e mundo humano perpassa as questões históricas, políticas, sociais, econômicas e culturais produzidas na e pela cultura. O endereçamento que damos a tais ditos se dá nas amarras do momento histórico e cultural que vivemos.

Os modos como enxergamos e nos relacionamos com a natureza são frutos do momento histórico em que vivemos. Podemos compreender, portanto, que em diferentes tempos e espaços são configuradas inúmeras formas de vermos e lermos a natureza, e de estabelecermos relações com ela. Muitas vezes, não percebemos que os nossos atos, as maneiras de narrar acontecimentos, os modos de vermos a nós mesmos e aos outros e, ainda, nossas escolhas cotidianas, tudo isso são negociações que vamos estabelecendo diariamente com os significados que nos interpelam através da cultura (GUIMARÃES, 2008, p. 87).

Entendemos que a constituição de um discurso naturalista é uma das condições de possibilidade para emergência do enunciado aqui colocado sob análise, o antropocentrismo. Somos constituídos por um discurso naturalista e romântico de natureza que se instalou em nossa sociedade, principalmente a partir do século XVIII, com o movimento da virada cultural e reforçado pelo movimento romântico do século XIX. Mas não foi sempre assim! Segundo Guimarães (2008, p. 88), “há uma multiplicidade de formas de ver, narrar e se relacionar com a natureza”. Segundo o autor, essas diferentes visões são dadas a partir da história e da cultura na qual estamos inseridos. Se adentrarmos a história do mundo ocidental, veremos as diferentes formas pela qual a natureza vem sendo contada e significada na cultura, desde as grandes navegações dos séculos XV e XVI: ora uma natureza paradisíaca, exuberante, ora uma natureza selvagem, temida. Foi com o projeto civilizatório, em contraposição ao protótipo medieval, que a natureza passou a ser

vista como o período das trevas, do inculto. Os ambientes considerados como “naturais”, ou seja, matas, florestas e montanhas, não condiziam com a ideia de progresso que inaugurava a virada cultural da modernidade. Porém, no século XVIII, com o fenômeno denominado de *novas sensibilidades*, é que a natureza passou a ser vista como boa e bela, quando as paisagens naturais passaram a ser valorizadas e apreciadas pelo homem.

Esse culto à natureza foi ainda mais realçado com o aparecimento do movimento romântico nos séculos XVIII e XIX, que buscava ilustrar o lirismo e o sonho de um cenário devastado pela Revolução Industrial. Diante disso, podemos evidenciar o quanto o ideal que temos de meio ambiente e natureza é construído culturalmente. Na mesma correnteza, Carvalho (2011) ressalta que a forma de existir e conviver no mundo contemporâneo, bem como a relação que tecemos com a natureza e o meio ambiente, perpassa pelo entendimento de uma história de longa duração das relações com a natureza. No século XVIII, por exemplo, em outro momento histórico, político, social e cultural, a sociedade da época presenciou a chegada da indústria, ou melhor, da primeira Revolução Industrial, e com isso se deparou com uma grande mudança em seu ambiente natural trazida pelo desenvolvimento. Como lembra Carvalho,

No final do século XVIII, a Grã-Bretanha liderava a produção de carvão, alcançando cerca de 10 milhões de toneladas, o equivalente a 90% da produção mundial. O uso crescente do carvão – principal combustível da Revolução Industrial – para fins comerciais e domésticos gerava enorme quantidade de resíduos. O *smog* inglês (mistura de nevoeiro e fumaça) tornou-se a marca registrada das grandes transformações sociais e ambientais desencadeadas pelo modo de produção industrial. (CARVALHO, 2011, p. 98, grifo do autor).

A experiência vivida naquele período contribuiu significativamente, à época, para uma mudança na forma de olhar para a natureza e o meio ambiente. A natureza era vista como o “domínio do selvagem”, como o “esteticamente desagradável”. De acordo com essa concepção, o homem deveria dominá-la. A natureza, então, passou a ser percebida como uma paisagem natural que necessitaria ser intocada. Podemos dizer que o momento social, político,

cultural e ambiental vivido no século XVIII, na Inglaterra, pode ter sido uma das condições de possibilidade para a emergência de uma visão naturalista e romântica de natureza, a qual, para Carvalho (2011, p. 97), “permanece presente até nossos dias”.

Diante das letras de *rock* investigadas neste estudo, observamos o quanto está ainda fortemente instaurado em nossa sociedade um ideal de natureza, o qual concebe que esta deve ser preservada e intocada. Talvez uma das possíveis respostas para entendermos tal concepção esteja atrelada à forma como vimos sendo ensinados, mediante a circulação de tais ditos na e pela cultura, a nos relacionarmos com o nosso ambiente natural. A condição de um modelo “ideal” de ser, de estar e de preservar a natureza circula pelos mais diferentes artefatos culturais. Sendo assim, entendemos que o *rock* vem nos atravessando com fortes enunciações e enunciados para falarmos da crise ambiental, ao nos fazer pensar o quão potente “a sombra em nosso mundo” pode nos levar a “outro modo de morrer” (DONEGAN; DRAIMAN; WENGREN; MOYER, 2010, tradução nossa). As letras apresentam o homem como um ser desagregador, em razão da forma como ele interage com uma natureza que deveria ser intocada, preservada, para que, assim, pudéssemos ter no futuro um lugar no mundo onde a natureza seja “verde”.

Considerações finais

Problematizar a forma como o *rock and roll* vem contribuindo para pensarmos a crise ambiental foi a proposta assumida neste artigo. A partir de enunciações recorrentes como as que aqui apresentamos, permitimo-nos dizer que estas entram na ordem do dito, do visível e do discurso verdadeiro. Colocar em suspenso algumas verdades que compõem o discurso da crise ambiental por meio da música não significa que tivéssemos a pretensão de apontar para o que é certo ou errado, mas, sim, questionar a forma como muitas vezes somos interpelados por ditos que circulam em diferentes artefatos culturais. Aprender a importância dos significados travados na e pela cultura é fundamental para entendermos as diferentes formas de nos constituirmos e estabelecermos

relações com o mundo em que vivemos. (Re) produzindo discursos e instaurando verdades, a música, o *rock and roll*, interpela-nos e convoca-nos a estabelecer novas práticas voltadas para a preservação do planeta, ao colocar em dúvida a continuidade da vida na Terra. Em decorrência disso, nossa proposta é que possamos produzir reflexões e entender a Educação Ambiental como uma educação política, entendendo que não existe uma única forma de olhar para mundo.

Nesse sentido, gostaríamos que, a partir de nosso artigo, pudéssemos olhar para a música como uma área de saber potente, capaz de suscitar novas discussões no campo da Educação Ambiental. Como nos ensinou Guattari, que possamos criar espaços de resistência e problematizar algumas verdades que nos atravessam e nos constituem enquanto sujeitos de nosso tempo, pois:

A juventude, embora esmagada nas relações econômicas dominantes que lhe conferem um lugar cada vez mais precário, e mentalmente manipulada pela produção de subjetividade coletiva da mídia, nem

por isso deixa de desenvolver suas próprias distâncias de singularização com relação à subjetividade normalizada. A esse respeito, o caráter transnacional do *rock* é absolutamente significativo: ele desempenha o papel de uma espécie de culto iniciático que confere uma pseudo-identidade cultural a massas consideráveis de jovens, permitindo-lhes constituir um mínimo de Territórios existenciais. (GUATTARI, 2008, p. 14, grifo do autor).

Dessa forma, nossa pretensão é que esta pesquisa possa desempenhar, mesmo que minimamente, uma espécie de “culto iniciático” para olharmos a Educação Ambiental para além de uma visão naturalista e romântica de natureza, onde o homem aparece como um ser não pertencente a esse mundo natural. Gostaríamos que este trabalho possibilitasse rupturas no pensamento, criando outras formas de dar visibilidade à crise ambiental que experienciamos. Que possamos criar novas maneiras de ser, viver e sentir o tempo atual, lembrando que somos seres da cultura, inseridos nela e produzidos por ela.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAY, Dora Maria Dutra. Arte & Sociedade: pinceladas num tema insólito. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 7, n. 78, mar. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br>>. Acesso em: 20 set. 2012.
- CARVALHO, Isabel. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2011.
- CHILD, Desmond; BRAZILIAN, Eric; MEINE, Klaus; FREDERIKSEN, Marti. Humanity. Intérprete: Scorpions. In: SCORPIONS. **Humanity – hour I**. União Europeia: Sony/BMG, 2007. 1 CD. Faixa 12.
- DONEGAN, Dan; DRAIMAN, David; WENGREN, Mike; MOYER, John. Another way to die. Intérprete: Disturbed. In: DISTURBED. **Asylum**. Austrália: Reprise Records, 2010. 1 CD. Faixa 5.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2011.
- _____. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 2008.
- GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A importância da história e da cultura nas leituras da natureza. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 33, n. 1, p. 87-101, jan./jun. 2008.
- GRÜN, Mauro. **Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária**. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- MOGINIE, Jim; HIRST, Rob; ROTSEY, Martin; GARRETT, Peter. Antarctica. Intérprete: Midnight Oil. In: MIDNIGHT OIL. **Blue sky mining**. Austrália: Columbia Records, 1990. 1 CD. Faixa 10.
- MOGINIE, Jim. Earth and sun and moon. Intérprete: Midnight Oil. In: MIDNIGHT OIL. **Earth and sun and moon**. Austrália: Sony, 1993. 1 CD. Faixa 4.
- PAIÃO, Cristiane. Ciência, música e sociedade: relações mais intrínsecas do que imaginamos. **ComCiência**,

Campinas, n. 16, 2010. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542010000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2010.

POZZI, Edson. Deixe a terra em paz. Intérprete: Cólera. In: CÓLERA. **Deixe a terra em paz**. Brasil: Devil Discos, 2004. 1 CD. Faixa 1.

_____. Presídio Zoo. Intérprete: Cólera. In: CÓLERA. **Verde, não devaste!** Brasil: Devil Discos, 1989. Lado A. Faixa 5.

POZZI, Edson; POZZI, Pierre. Verde. Intérprete: Cólera. In: CÓLERA. **Verde, não devaste!** Brasil: Devil Discos, 1989. Lado B. Faixa 1.

RUTHERFORD, Mike. Land of confusion. Intérprete: Genesis. In: GENESIS. **Invisible touch**. Inglaterra: Atlantic Records, 1986. Lado A. Faixa 3.

SAMPAIO, Shaula Maíra Vincentini de. **“Uma floresta tocada apenas por homens puros...” Ou do que aprendemos com os discursos contemporâneos sobre a Amazônia**. 2012. 296 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. A Educação Ambiental em perspectivas culturalistas. In: CALLONI Humberto; SILVA, Paulo Ricardo Granada (Org.). **Contribuições à Educação Ambiental**. II encontro e diálogos com educação ambiental FURG. Pelotas, RS: Editora Universitária/UFPel, 2010. p. 13-38.

Recebido em 28.05.2013

Aprovado em 09.08.2013